

LUGAR E COTIDIANO: REFLEXÕES SOBRE AS ESPACIALIDADES DOS PESCADORES ARTESANAIS A PARTIR DE ANÁLISES EM TORNO DO SEU MORAR E DOS SEUS SABERES

FELIPPE ANDRADE RAINHA¹
RODRIGO CORRÊA EUZEBIO²

Resumo:

Este trabalho objetiva o aprofundamento analítico em torno do processo de trabalho dos pescadores artesanais e sua relação com o lugar e o cotidiano. Nesta busca, serão analisadas a interação trabalho-moradia e as técnicas como elementos que orientam a produção do lugar e do cotidiano. Desta forma, o trabalho está dividido em três partes: primeiro, uma discussão sobre a dimensão do lugar e do cotidiano na pesca artesanal; segundo, será discutida a interação trabalho-moradia na atividade pesqueira; terceiro, serão abordada a dinâmica técnica dos pescadores e suas imbricações com o lugar e o cotidiano. Os dados apresentados nesse trabalho resultaram de pesquisas de dissertação e monografia de especialização, realizadas com pescadores da Pedra de Guaratiba, município do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Lugar; Moradia; Técnica.

Abstract:

This paper aims to deepen the analysis around the work process of artisanal fishermen and their relationship with the place and the everyday. In this search, will be analyzed the interaction work-housing and the techniques as elements that guide the production of the place and the everyday. In this way, the work is divided into three parts: first, a discussion about the dimension of the place and the everyday in artisanal fisheries; second, the work-housing interaction in fishing activity will be discussed; third, will be approached technical dynamics of fishermen and their imbrications with the place and the everyday. The data presented in this paper resulted from researches extracted of dissertation and expertise graduation, performed with Pedra de Guaratiba's fishermen, Rio de Janeiro's municipality.

Key-words: Place; Housing; Technique.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FFP

² Especialista em Dinâmicas Urbano-Ambientais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FFP

1 – Introdução

O objeto desse texto consiste em analisar o processo de trabalho dos pescadores artesanais e sua relação com os lugares produzidos pela atividade pesqueira, entendendo a importância da interação trabalho-moradia e das técnicas como elementos que orientam a produção do lugar e do cotidiano. Portanto, moradia e técnica se tornam elementos centrais para compreender a produção do lugar na existência dos seus sujeitos, os pescadores artesanais.

Na primeira parte do texto, serão realizadas discussões a respeito do lugar e do cotidiano, enquanto um exercício de método para entender as ações desses sujeitos em seus espaços de vida. Para isto será promovido um diálogo com autores que fazem uma construção metodológica a qual permita a compreensão dos agentes que experienciam o tempo lento, suas relações com seus pares similares e antagônicos. Desse modo, a aproximação com os trabalhos de Milton Santos (1994, 1996 e 2008), Ana Clara Torres Ribeiro (2003, 2005, 2009 e 2010), Catia Antonia da Silva (2014) e Michel de Certeau (1990 e 2013) é de grande importância para esta reflexão de método.

No segundo momento do artigo será tratado o debate em torno do papel da moradia dos pescadores artesanais em seu trabalho. Esta se apresentará como atrelada (direta e indiretamente) ao processo produtivo pesqueiro, sendo, portanto, um importante local para criar as condições necessárias às práticas desses sujeitos. Serão expostas também questões relacionadas à fragmentação dos espaços constituídos como áreas de moradia desses trabalhadores, identificando os processos inerentes ao avanço da urbanização em três comunidades pesqueiras do bairro de Pedra de Guaratiba, evidenciando as consequências deste processo.

Por fim, será problematizada a técnica, como possibilidade de compreensão da relação das ações dos pescadores com o conjunto de objetos técnicos. O objetivo de discutir a técnica consiste, não apenas em desvendar os métodos de trabalho desses sujeitos, mas em analisar como se dá o convívio dos homens lentos com os impulsos globais, quer pela necessidade de alterar suas práticas diante do espaço herdado, quer pela necessidade de se apropriar das tecnologias que lhes são externas.

2 – Desenvolvimento

As dimensões do lugar e do cotidiano surgem como escalas possíveis para o entendimento das repercussões espaciais inerentes ao processo de modernização, seja para a compreensão das fragmentações geradas a partir das ações estratégicas promovidas pelo grande capital (com o consentimento do Estado), seja para a investigação das ações criativas que surgem como resposta dos sujeitos sociais à ruptura de seus espaços de vida. Desse modo, a seguir serão expostas reflexões e análises possibilitadas pela compreensão do lugar e do cotidiano dos pescadores artesanais situados no bairro de Pedra de Guaratiba, em pleno contexto metropolitano do município do Rio de Janeiro. Boa leitura!

2.1 - Lugar e Cotidiano

Segundo Santos (1996), a percepção do espaço por meio de sua base material e das ações que o anima, permite a compreensão do mesmo como um substrato heterogêneo e que sofre constantes transformações em sua estrutura social e material. As mudanças mais incisivas provêm de uma ordem global, de um processo homogeneizador de dimensão mundial, que se fundamenta em fatores inerentes, sobretudo, a uma lógica de mercado.

A partir da difusão desta concepção de mundo, diversos serão os atores responsáveis por promover outras formas de percepção da realidade, com ideários que visam contrapor ao ordenamento pré-existente e divergente deste padrão global. Em meio a isto, o processo de resistir a essas mudanças (mais impostas do que propostas) parte da conjugação de forças em movimento no tecido social e que se expressa a partir da menor dimensão existencial presente no espaço geográfico, isto é, o lugar.

O lugar se caracteriza por concentrar os principais confrontos travados pela resistência ao processo de homogeneização do mundo imposto pelo fenômeno da globalização. Dessa forma, é correto afirmar que é por meio do lugar que a globalização será colocada à prova, será testada e, possivelmente, também poderá ser negada (SANTOS, 1994). Os sentidos do lugar, as histórias, os saberes e as

heranças culturais construídas pelos sujeitos, se apresentam como obstáculos aos processos de homogeneização do espaço geográfico, fazendo com que a escala local se torne (para nossa análise) a escala da vivência e da transformação do fazer cotidiano, sendo também por meio dela a percepção dos processos de adaptação ou de negação das realidades inerentes à globalização.

Segundo Santos (1994), cada lugar (não buscando aqui uma generalização) vive a experiência de intensa comunicação com o mundo. Entretanto, tal experiência não os torna iguais entre si, muito pelo contrário. A vivência deste ensaio global possibilita a emergência das particularidades de cada lugar, fazendo com que suas diferenças sejam colocadas à tona. Isto nos permite compreender que cada lugar é produto de diversos processos, os quais, por sua vez, são incitados a partir da experiência espacial de diferentes sujeitos e atores. Desse modo, podemos afirmar que é por meio do lugar que podemos operar o conceito de cotidiano, tão necessário para a compreensão das subjetividades nele presentes.

Logo, entender o cotidiano se faz necessário a uma análise que busca a valorização dos tempos do lugar. Tempos estes que nos colocam à vista a contradição gerada pela relação na qual, de um lado, se encontram aqueles que concebem o lugar a partir de uma interação meramente econômica e fluída (visando à aceleração do tempo mundo) e, de outro, se apresentam os que vivem o lugar a partir de uma produção de sentidos de existência, da criação e manutenção de relações que só existem somente, senão, a partir do Outro (caracterizando-se pela lentidão) – SANTOS, 1996, 1994. Tais experiências temporais não apenas se encontram presentes no espaço, elas se veem, interagem e disputam a prevalência de seus projetos de futuro.

De acordo com Merleau-Ponty (apud, MASSEY, 2009), a necessidade de compreender o tempo se cria a partir da urgência de se entender os sujeitos. A subjetividade nada mais é do que a própria temporalidade. Neste sentido, a experiência do cotidiano surge como uma possibilidade metodológica de compreensão da subjetividade e de sua dinâmica relacional com a materialidade em que é agente. Sendo assim, ao deciframos o cotidiano estaremos dando um passo importante para a compreensão das subjetividades que a ele atribuem sentido.

Compreender a dimensão do cotidiano faz parte de um processo de amadurecimento daquilo que nos permite aprofundar a análise do tempo/espço conservando sua heterogeneidade. De valorizar as realidades diversas, de atores diversos, os quais se apresentam inseridos num espaço comum a todos, comum não por estar para todos da mesma forma, mas comum pela possibilidade de disputa, pelo seu caráter dialógico e por compreender todas as dimensões do acontecer. (SANTOS, 1994)

Segundo Ribeiro (2005), é pelo lugar que as experiências sociais vividas no cotidiano constroem sentidos e produzem valores indispensáveis a existência das artes de fazer daqueles que se apresentam como diferentes aos padrões imputados pelos agentes dominantes.

De acordo com a autora, as grandes empresas articulam seus interesses por meio de estratégias calculadamente definidas. A ação estratégica das empresas possui um caráter basicamente instrumental e ao entrar em contato com as heranças culturais produzidas pelos sujeitos sociais em seu cotidiano vivido, tendem a negá-las por completo (destruindo-as) ou, em certos casos, buscam incorporá-las como meio de expansão do mercado a fim de assegurar as transformações que operam a favor do sistema dominante.

No entanto, a operacionalização dessa ação estratégica (dominante) pelo espaço estimulará a manifestação dos sujeitos sociais na busca pela sobrevivência frente às adversidades produzidas pela fragmentação (e/ou apropriação) de suas práticas e saberes. De acordo com Ribeiro (2001), é por meio deste movimento que serão expressas as estratégias de sobrevivência desses sujeitos, ou melhor, que serão praticadas as suas táticas (em diálogo com Michel de Certeau), as quais são responsáveis por inseri-los no circuito de consumo da cidade capitalista e também por criar condições indispensáveis à manutenção das formas de sociabilidade que os diferenciam perante os demais grupos que compõem o tecido social. Entretanto, para a autora, a ação estratégica poderá ser praticada também pelos excluídos, haja vista que se operacionalize o confronto desta com outras ações estratégicas, ou seja, com aquelas que são executadas a partir de seus antagonistas.

A ação estratégica está presente em todos os sentidos na relação entre Estado-Sociedade, a qual estimula a competição e acentua as diferenças no próprio

seio do tecido social. Quando colocada em prática pelos grupos marginalizados deve ser concebida como alternativa de inserção destes sujeitos ao projeto de modernização que os nega sumariamente. Suas estratégias (quase sempre articuladas em grupo) são responsáveis não somente por inseri-los no contexto de experimentação (criativa) da modernidade, mas também e, sobretudo, tem por primeira condição garantir-lhes a realização de suas práticas espaciais e a perpetuação dos seus saberes. Surge daí a necessidade teórica de compreendê-la como tática (CERTEAU, 1990).

O ato de operar as táticas não se dá a partir de um ponto fixo no espaço, ou seja, de um lugar de comando. Diferentemente de algumas formas de operação da estratégia, a tática está relacionada com o movimento, com o caminhar dos sujeitos que a praticam pelo espaço. Como sua experiência se dá no (e pelo) cotidiano, o curso das táticas remeterá aos trajetos de seus praticantes, ao seu caminhar por entre os lugares (conhecidos ou não) e por toda e possível articulação de forças que podem emanar dessa experiência espacial, seja ela realizada na cidade ou para além dela.

Dessa forma, compreender a dimensão dos sítios proposto por Zaoaul (2006) é de grande importância para o processo de entendimento da diversidade que emana das práticas locais, bem como da sutileza que as envolve. Lidar com essas questões possibilita ao analista exercitar uma “epistemologia suave”, a qual o permitirá se lançar em reflexões que o leve a pensar a existência dos sítios como uma consequência dos insucessos de paradigmas econômicos operados pelo (e em prol do) sistema dominante. Logo, pensar os sítios consiste em um exercício indispensável para a reflexão da complexidade dos fenômenos sociais e econômicos responsáveis por configurar o espaço que conhecemos. (2006, pág. 17)

A pesca artesanal, desse modo, nos permite entender a construção desses espaços de vida guiados por códigos (valores) específicos, baseados na solidariedade e no companheirismo. Em meio à produção de estigmas (preconceitos) e da exclusão social, os pescadores artesanais resistem e possuem no seu trabalho e na vida entre seus comuns a força para romper com os discursos que os invisibilizam diante da metrópole moderna.

2.2 - Moradia

2.3 – Técnica

As técnicas de pesca, observadas durante a pesquisa na Pedra de Guaratiba, são realizadas pela combinação dos conhecimentos dos pescadores sobre as espécies de pescado, condições do clima e do mar, etc. com o manejo de diversos objetos que possibilitam a navegação e captura dos pescados. Os objetos constituem a condição material, da qual esses pescadores necessitam para realizar seu trabalho, mas de nada serviriam se não fossem os conhecimentos construídos socialmente entre esses homens e mulheres.

O homem adquire então meios para realizar sua revanche sobre o meio material, imbuído de um espírito criativo, cuja motivação se encontra no enfrentamento da necessidade. Deste modo, uma peça queimada de um motor de barco pode ser substituída por outra, pertencente ao motor de uma geladeira. Do mesmo modo que um colete salva-vidas com sua lanterna pode ser convertido em um sinalizador, que avisa ao pescador a localização da rede no mar, durante a noite escura. São variadas as formas de apropriação dos objetos e seu funcionamento que provam que, diante da necessidade imposta por esses objetos, a criatividade humana é capaz de reinventar os meios de sobrevivência.

Concordando que Santos (2006) está certo quando diz que os objetos não possuem realidade própria, analisamos o complexo sistema envolvido na constituição das técnicas de pesca artesanal praticadas pelos pescadores da Pedra de Guaratiba. Num esforço de compreender o modo que as práticas desses pescadores estão inseridas nas transformações socioespaciais, buscou-se identificar e caracterizar a realidade que produz os objetos técnicos da pesca.

Nas técnicas que utilizam rede, como no caso da “caceia”, são os próprios pescadores que fazem o acabamento de seu instrumento de captura do pescado, costurando os panos da rede de nylon comprados no mercado varejista³. O uso da

³ A “caceia” é um procedimento técnico muito utilizado pelos pescadores da Pedra de Guaratiba para a captura do camarão sete-barbas (*Xiphopenaeus kroyeri*). Para a realização desse procedimento são usadas redes de nylon, a qual os pescadores compram o pano em lojas varejistas especializadas e costuram à corda na beira da praia.

linha de nylon proporciona uma rede mais resistente em relação ao algodão, algo necessário tendo em vista a poluição da água da baía, porém também torna o trabalho muito custoso. As linhas de nylon são importadas da China e de Taiwan e se insere numa cadeia global de produção e distribuição de materiais do tipo polímero, cuja tecnologia é detida pelos países centrais da economia mundial, como Estados Unidos, França e Alemanha.

O uso embarcações motorizadas tem se tornado uma constante para os pescadores da Pedra de Guaratiba, exigindo mais dispêndios com aquisição e manutenção dos motores e a compra de combustível. Essa necessidade de motorização está associada ao assoreamento das praias, um processo acentuado com a expansão urbana da metrópole fluminense para a zona oeste do Rio de Janeiro nas últimas três décadas e pelas obras de dragagem na baía de Sepetiba visando expandir a atividade portuária.

O acesso a esses equipamentos, as redes de nylon e os motores de propulsão, não é simples como ir ao mercado fazer compras. Aliás, na condição social imposta pelo capitalismo e a lógica da acumulação pela acumulação, nem todos podem ir às compras. Os pescadores artesanais, sujeitos concretos do espaço vivido, não desfrutam de sistemas de crédito, nem mesmo às linhas públicas de financiamento voltadas para a atividade pesqueira. A burocracia e a exigência de garantias do sistema financeiro são fatores decisivos para esta realidade.

Desse modo, a apropriação desses materiais envolve práticas que escapam a lógica mercantil, algo que aqui estamos chamando e “táticas” (ibid.). Essa apropriação se dá através da inventividade e da cooperação, não aquela caracterizada pelo conjunto de ações estratégicas, na qual cada agente contribui para o conjunto de ações em prol da acumulação de capital. Aqui, os elementos que justificam a cooperação são a amizade e a cumplicidade, só compreendidas à luz das relações cotidianas que se estabelecem no lugar.

Silva (2014) nos desafia a compreender os pescadores artesanais como sujeitos capazes de resolver a própria vida, como existências ativas diante da realidade. Ela destaca que essa capacidade está sustentada por relações com alto grau de confiabilidade, tecidas pela oralidade e amizade, e não por documentos formais e salários como no trabalho capitalista (ibid. pág. 17).

Na Pedra de Guaratiba, a manutenção dos equipamentos é feita pela ajuda mútua, alguns pescadores possuem conhecimentos em mecânica e ajuda os amigos no conserto dos motores. Da mesma forma, é comum ver pescadores costurarem as redes de amigos na beira da praia em troca de horas de conversa e compartilhamento de histórias. São práticas que se repetem cotidianamente e cuja regra é a regra do lugar e o que lhe justifica é algo intenso e duradouro.

3. Considerações Finais

A existência dos pescadores artesanais está atravessada por ações pertencentes a um conjunto de intencionalidades que lhes são alheias, mas possui uma incrível força. Os sujeitos dos lugares são cada vez mais atingidos por ações às quais desconhecem os significados. Também os objetivos destas ações passam longe de compreender as especificidades do lugar, apenas contribuindo para a fragmentação do tecido social e o aumento da exclusão.

Diante desse processo, se verificam as táticas dos sujeitos que lhes permitem, como explica Certeau (ibid.), golpear o inimigo em seu próprio campo de ação. O uso da moradia como elemento do trabalho e a apropriação das técnicas através da cooperação de amizade são exemplos de como no lugar e no cotidiano os sujeitos simples estabelecem seus próprios significados ao espaço geográfico.

Referências Bibliográficas

SANTOS, Milton. A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Catia Antonia da. Elementos epistemológicos e metodológicos para uma geografia das existências. In: SILVA, Catia Antonia da. (org.) Pesca artesanal e produção do espaço: desafios para a reflexão geográfica. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

ZAOUAL, Hassan. Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós global. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

XI – ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE

A DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA BRASILEIRA: ESCALAS E DIMENSÕES DA ANÁLISE E DA AÇÃO
DE 9 A 12 DE OUTUBRO